



**A SEGURANÇA:
o discurso fundador e os sentidos pedagógicos em uma canção de ninar¹**

Cristinne Leus Tomé*

RESUMO

Este artigo é um recorte da pesquisa de Dissertação e analisa uma canção de ninar oriunda do Império Inca para compreender os sentidos que ajudaram a constituir o discurso fundador sobre a identidade do povo inca, assim como as práticas pedagógicas discursivas ali representadas. Como interlocução teórica, buscou-se em autores da Análise do Discurso, Michel Pêcheux e Eni Orlandi e, para suporte histórico, Henri Favre, Victor Von Hagen, Eduardo Galeano e Jorge Eduardo Paniagua L.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discurso Fundador. Práticas Pedagógicas. Canção de Ninar. Michel Pêcheux.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão que realizaremos tem como início uma canção de ninar inca² como sendo um representante do discurso fundador sobre a identidade desse povo, contribuindo na construção da memória do dizer sobre a identidade de ser um inca assim como os sentidos sobre a prática pedagógica representados.

Na história dos incas sabemos que eles desconheciam um sistema gráfico para a escrita literal (*litera*: letra do alfabeto), e muito do que conhecemos sobre eles chegaram a nós via tradição oral. Dentre eles havia pessoas cuja função primordial social era a de ‘memorizar’ a história passada e os acontecimentos presentes: os *amautas*. Era os *amautas* uma facção

¹ Trabalho realizado para a disciplina de **Análise do Discurso e Heterogeneidade na Educação**, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a professora Dra. Regina Maria Mutti, em agosto de 1999. Posteriormente tornou-se um capítulo da Dissertação **QUANDO EU CANTO, POSSO: o discurso educacional em textos da tradição oral**, defendida em janeiro de 2000. Para este número foi necessário fazer algumas adaptações de formatação e alguns cortes textuais.

* Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado) com Mestrado e Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora de Metodologia Científica da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Universitário de Sinop.

² “A palavra Inca tem duas significações diferentes. O nome Inca significa Senhor, Rei ou Imperador, e também significa descendente do sangue real.” (JAGUARIBE, 1938, p. 91).

social de sábios que exerciam, por um lado, o papel de professores, ensinando aos membros das classes altas, mas também, por outro lado, eram eles os responsáveis em ensinar a outros *amautas* suas técnicas de memorização visando manter presente toda a história inca.

Fora deste círculo social, os saberes diários, cotidianos, se faziam presente em todas as atividades realizadas na comunidade (*ayllo*) pelas pessoas que ali habitavam. Muito desta sabedoria popular era aprendida de maneira informal, e podemos conhecê-las pelas celebrações que realizavam, como as festas para os dias de semeadura, de colheita, para as estações, para as batalhas, os nascimentos, enfim, atividades diretamente ligadas à comunidade e que eram por ela proporcionadas.

A canção de ninar que vamos estudar é um poema representante deste conhecimento popular que circulava pelo Império Inca e que se encontrava presente dentro de suas casas. A seguir³:

Caylla llapi	En este lugar
Punuñqui	Dormirás
Punuñqui	Dormirás
Chaupi tuta	Y a la medianoche
Hámusac	Vendré
Hámusac	Vendré
Hámusac	Vendré

Que sentidos estariam manifestos nesta canção para os entendermos como sendo de um discurso fundador, formador de uma identidade? Como associá-los como representantes de um ato educativo na concepção deste povo? Como conceber seu sentido como vinculado a uma prática discursiva pedagógica?

2 A SEGURANÇA

“Neste lugar”⁴, que lugar é este onde temos a tranquilidade para dormir?; quem é este ‘tu’ que “Dormirás”?; “À meia-noite”, que situação temporal é esta?; “Virei”, quem é que virá?

Começemos pelo discurso fundador, um conceito trabalhado por Orlandi (1993, p. 15, grifo da autora):

³ Encontra-se em Von Hagen (1972, p. 27). Uma outra tradução da canção acima diz o seguinte: “A la orilla dormirás, / a medianoche vendré” (GALEANO, 1988, p. 211).

⁴ Para facilitar a leitura, sem provocar uma interrupção da passagem de um idioma a outro, traduzi a canção como “Neste lugar / Dormirás, / Dormirás, / À meia-noite / Virei, / Virei / Virei”.

E se na prática utilitária não conseguem encontrar o que procuram [...] na prática simbólica realizam essa passagem: instituem um outro lugar de sentidos estabelecendo uma outra região para o repetível (a memória do dizer), aquela que a partir de então vai organizar outros e outros sentidos, [...]. É a isso que chamamos *discurso fundador*.

Ao pensarmos sobre essa canção de ninar como um exemplo do discurso fundador utilizado pelo povo inca a época da formação de seu Império, pensamos também como formadora dos sentidos que estabelecem essa identidade. Uma canção de ninar vista como um novo ponto de partida, que “vai organizar outros e outros sentidos”, que vai estabelecer uma nova memória do dizer. Uma canção de ninar que vai fazer parte deste grande arquivo no qual se inclui o discurso fundador.

Para que se estabeleça uma nova memória do dizer, um novo ‘já-lá dito’ (pré-construído, o repetível) requer que haja uma ruptura, uma quebra com o outro; para novos sentidos que se estabelecem sobre velhos sentidos. A história inca, e a ruptura que se deu em direção à construção de uma nova memória do dizer, foi lenta e gradual e esta canção de ninar se insere no grande arquivo de memória (intertextualidade), um arquivo onde o ‘já lá’ foi se constituindo e construindo novos sentidos. Vejamos um pouco de sua história.

A formação do Império Inca⁵ é uma sequência cronológica de guerras e de disputas; povos em constante procura de terras e súditos. Por volta de 1100 chega à região do lago Titicaca uma pequena tribo conhecida por *incas*, pequena e guerreira. O fracionamento dos povos huari-tiahuanaco, que dominavam a região, acelerou a conquista territorial pelos incas que se estabeleceram na região de Cuzco, a capital do Império. A partir deste ponto central, os incas acabariam por conquistar praticamente todo o território andino, dominando todas as tribos locais por onde passavam, estabelecendo assim um grande império que se sustentava com os impostos e os trabalhos realizados pelas tribos subjugadas⁶. O curso da história mudou quando em 1523 começaram os desembarques espanhóis em seu território. Esta nova ‘tribo’ marítima se apresentou mais bélica que os guerreiros incas, tomando para si o território. Em 1533 morre Atahualpa, último grande imperador inca⁷, acusado de traição pelos espanhóis.

Orlandi (1994, p. 53) nos elucida quando coloca que “é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique.” Quando a canção nos fala que “Neste lugar Dormirás

⁵ Dados históricos reunidos e resumidos a partir dos autores citados ao longo do capítulo: Bond (1994), Favre (1974), Von Hagen (1972), Jaguaribe (1938), Markham (1920) e Galeano (1988).

⁶ “Toda conquista provocaba por conseguinte una nueva guerra que desembocaba en otras conquistas. Los incas jamás se librarón de este engruaje, al que su feroz resistencia contra la invasión chanca les había hecho entrar. Pues, a medida que su Estado se ampliaba, la guerra exterior era cada vez más necesaria para la estabilidad del orden interior: de hecho, se había convertido en el principal resorte del régimen. Al igual que toda paz imperial, la paz inca suponía un estado de tensión permanente en las fronteras, que mantenía en la unidad las partes constitutivas del imperio haciéndoles aceptar la supremacía de Cuzco.” (FAVRE, 1975, p. 30).

⁷ Ver Dinastia Inca no Anexo A.

À meia-noite Virei”, ela está nos colocando frente à exterioridade na qual se insere, e a ela devemos recorrer. Quando Pêcheux (1993, p. 82) conceituou discurso como “efeito de sentidos” entre locutores ele repensou o que era colocado na teoria da comunicação como transmissão de informação; não se transmite informação a alguém, o que há é efeito de sentido, que pode ou não ocorrer, entre locutores. Quando ocorre efeito de sentido, temos o discurso. E, falando em discurso, falamos particularmente em linguagem, “que implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos.” (ORLANDI, 1994, p. 53). Os sentidos não estão fixos, eles são determinados por sua história; os sentidos que produzimos hoje a partir desta canção de ninar não são os mesmos produzidos há 400 anos. O que tentaremos aqui é nos munirmos desta historicidade que tem por entorno a canção para, assim, tentarmos obter uma aproximação maior com o efeito de sentidos que havia durante a construção e formação do Império. Assim, nesta relação entre a canção de ninar com o mundo, iremos também abarcar a relação com a constituição do sujeito, sua rede de filiações que se compõem para poder apreender e interpretar o mundo. “Ao se dizer, interpreta-se” (Ibid., p. 57), e estes ditos, aqui registrados pela grafia, será uma busca constante ao longo da pesquisa, outros dizeres que compõem o grande arquivo de saberes dos incas, outros textos de época, que foram convidados a participar desse gesto de interpretação.

Pois é desta pequena tribo, que através do poderio militar construiu um grande Império, que nos vem esta canção de ninar, de um povo orgulhoso de seu passado e confiante quanto ao futuro. *Caylla llapi Punuñqui* nos diz a canção de ninar, “Neste lugar Dormirás”. Que lugar é “Neste”? Pois este “Neste” significa e abarca muitos sentidos espaciais dentro dessa canção. Esta é uma canção inca do Império das Quatro Partes (*Tawantinsuyo*) cuja capital é Cuzco, o umbigo⁸ do mundo, da língua *quéchua*, descendentes de Inti, o deus Sol, de bravos guerreiros: os próprios filhos do Sol, é “neste lugar” que “dormirás”! Quantas vezes se escutam nesta frase? Existe segurança maior do que pertencer ao povo de bravos guerreiros que tem o Sol por pai⁹? *Taita Inti* (pai Sol) cuida para que seus filhos tenham um sono tranquilo enquanto a mãe Lua (*Killa*) cuida para que seus filhos se sintam seguros, *Chaupituta Hámusac* (“À meia-noite Virei”).

⁸ “Si el nombre de *cuscu* o *cusco* como algunos autores antiguos han pretendido, no significa <ombligo>, la ciudad que lo llevaba era no obstante el centro del universo [...]. Y a través de ella se comunicaban los tres planos de la creación: el plano supraterrrestre de los dioses, el plano terrestre de los hombres, y el plano infraterrestre de los muertos. Efectivamente, era en Cuzco donde los dioses se manifestaban a la humanidad por conducto del emperador; y allí era donde el Sol se hacía visible a través de su hujo elegido.” (FAVRE, 1975, p. 80).

⁹ “Huaina Cápac siente lástima del sol, porque siendo el sol su padre y el padre de todos los incas desde lo antiguo de las edades, no tiene derecho a la fatiga ni al aburrimiento”. Ver no Anexo B o texto completo.

O “lugar”, o território dos incas, tinha um sistema político-administrativo capaz de manter a ordem entre as diversas tribos existentes, um sistema econômico que mantinha uma contabilidade precisa, feita por meio de cordas de lã ou fibra vegetal, os *quipus*, onde números eram representados através de nós e a função por cores; toda a contabilidade do Império era conferida através destes *quipus* que chegavam das diversas províncias pelos correios. “Neste lugar” possuía uma engenharia capaz de construir estradas pavimentadas, pontes, templos; utilizavam a platina em seus artefatos; seu calendário seguia o ano solar de doze meses; na agricultura desenvolveram a técnica de plantio em terraços e sua música era composta na escala pentatônica.

“Neste lugar que dormirás”, de um povo descendente do Sol, tinha dentre seus membros os *amautas*. Mistura de sacerdote, professor, conselheiro, sábio, o *amauta* era o poeta do Império; com suas canções ele era o guardião da memória de seu povo, o arquivo histórico vivo¹⁰; o passado e presente estavam inscrito em sua memória. Suas poesias cantavam os feitos de *Huiracocha*, o Criador, deus que ensinou aos homens a viver em civilização¹¹, que fundou Cuzco¹², a cidade dourada, e, após, partiu pelas águas do Pacífico; seus versos previam o final dos tempos... “sozinhos; morta a sombra que protege, choramos”.¹³ A gênese e o apocalipse estavam em suas falas, as ciências e as artes eram por eles ensinadas nas escolas dos nobres em Cuzco. Ao *amauta* cabia o papel de ser o intérprete dos acontecimentos, dos fatos históricos, das lendas, dos mitos, dos sacrifícios, das festas, das doenças, das desgraças, da natureza; era ele o mediador entre o mundo dos espíritos e o mundo terrestre. Ele tinha autoridade para isso, ele era reconhecido por isso, era ele que sabia como interpretar os acontecimentos.

As poesias recitadas pelos *amautas*, suas crônicas, suas bênçãos, suas visões faziam parte das formações discursivas daquilo que poderia ser dito no Império, do que deveria ser dito. Suas falas circulavam pelo Império e eram adotadas. Os presságios do Imperador eram interpretados pelos *amautas*, e temidos através dos anos. Quando *Huiracocha* ensinou aos

¹⁰ Ver no Anexo C o papel do Amauta e a técnica utilizada para manter viva a história na memória.

¹¹ “Se declaravam investidos de una misión civilizadora cerca de las poblaciones de los Andes que todavía se encontraban inmersas en la barbarie. Acusaban a estos pueblos de practicar el incesto, de comer carne humana y e vivir en permanente estado de guerra, y les iban a enseñar las relaciones de parentesco, el cultivo del maíz y el arte de vivir en paz que distinguía al <civilizado> del <bárbaro>.” (FAVRE, 1975, p. 29).

¹² Ver lenda sobre a fundação de Cuzco no Anexo D.

¹³ “Sob estranho império, acumulados/ os martírios, e destruídos,/ perplexos, extraviados, negada a memória,/ sozinho;/ morta a sombra que protege,/ choramos;/ sem ter a quem ou aonde nos voltar,/ estamos delirando./ Suportará teu coração,/ Inca,/ nossa errante vida/ dispersada,/ cercada, em mãos alheias,/ pisoteada?/ Teus olhos que como flechas de /felicidade/ feriam,/ abre-os;/ tuas magnânimas mãos,/ estende-as;/ e com essa visão fortalecidos,/ despede-nos”. (BOND, 1994, p. 23). Apesar deste poema não apresentar alguma citação bibliográfica no livro em que foi retirado, estes versos parecem ser outra versão dos últimos versos da Elegia **Al Gran Inca Atawallpa** que se encontra no Anexo E.

incas a viverem em civilização, e aconselhou que espalhassem pelos povos vizinhos esta nova maneira de viver, aos *amautas* coube fazer esses novos sentidos serem como pertencentes de todos, como sendo do interesse de todos. “Todos los siguieron. Todos les creyeron. Por los fulgores de las palabras y los ojos, todos supieron que los hijos del sol no estaban mintiendo”¹⁴ nos diz a lenda, e novos sentidos se fizeram presentes a partir deste novo discurso; os filhos do próprio deus Sol estavam na Terra para ajudar ao próximo. Uma nova rede de filiações foi sendo entrelaçada durante a formação do Império, e não apenas com os fios das guerras ou dos acordos, mas, principalmente, com as cores das crônicas, dos poemas, das canções, como esta canção de ninar. Não foram apenas alguns poucos particulares que se filiaram a esta nova memória do dizer, mas um território do tamanho das Quatro Partes do Mundo, ‘nós’, os *Inti churina*, filhos do Sol; ‘nós’, que demos sentido a esta enunciação, nós’ que ocupamos uma posição de poder ao interpretá-la como um enunciado.

Como se construiu esta memória do dizer, como se estabeleceram estes sentidos outros?

Muitas das respostas já foram apresentadas ou indicadas. Os incas, ao construir, ao formar o seu grande Império, foram subjugando todas as tribos vizinhas, por meio de guerras ou acordos não sangrentos. A cultura dos povos dominados não era totalmente apagada, mas sim, assimilada e reformulada; um novo ‘outro’ (nós) ia sendo construído, discursos se constituíam. Casos de imposição sob as tribos vizinhas como demonstração de superioridade foram confirmados, como o de Inca Roca¹⁵, Inca VI, quando decretou que a língua *quéchua*, a dos incas, passaria a ser a oficial, deveria ser a língua falada, como maneira de unificar e de mostrar que a língua dos nobres incas era superior frente às das outras tribos. Casos de alianças entre as tribos também ocorreram, sendo através de casamentos, como os promovidos por Yahuar Huacac, Inca VII, ou se aproveitando do panteão de deuses como maneira aglutinadora pelo Inca Viracocha, Inca VIII.

Al igual que Manco Capac, el emperador se casaba con una de sus hermanas, que se convertía en su mujer principal o *coya*. Por medio de este incestuoso matrimonio, renegaba solemnemente de su filiación y cortaba el vínculo con estrépito, manifestando de este modo su excepcional situación externa a toda red familiar. En realidad, el incesto imperial sólo empezó a practicarse tardíamente, imponiéndose a partir del momento en que la unión matrimonial del emperador perdía toda utilidad política. Hasta Pachacutic Inca, los soberanos incas escogieron por esposa principal la hija de un *curaca*¹⁶ vecino del cual no querían perder su alianza, o más simplemente pretendían asegurarse de su benévola neutralidad.” (FAVRE, 1975, p. 60, grifo do autor).

¹⁴ Ver no Anexo D o texto completo.

¹⁵ Ver Anexo A.

¹⁶ Nota minha: Alto funcionário.

Além das guerras, com um forte caráter de cruzada civilizadora, pois os incas acreditavam que os povos vizinhos que ainda viviam na barbárie deveriam aprender com eles as técnicas de cultivos, de urbanização e a aprender em viver em sociedade, além dos casamentos entre as tribos vizinhas para firmarem acordos de paz, os incas tinham exemplos também de casos de vassalagem, onde uma tribo vizinha, pequena e inferior em termos numéricos e bélicos, se colocava sob a proteção do Imperador. Aqui temos uma passagem do historiador Jaguaribe (1938, p. 168) que, com admiração à administração inca, expõe-nos um exemplo deste acordo:

Afim de que os leitores possam avaliar a adeantada civilização dos Incas, aqui consignamos haver este Imperador¹⁷ recebido uma embaixada da parte do Rei de Tucunian que, informado a respeito da sabedoria e grandeza do Imperio e das conquistas e também da religião, pedia para participar destas vantagens de que gosavam as nações submetidas ao seu Imperio, [...] oferecendo-se a ficar com o seu povo vassallos de Inca VIII.

Entre os novos sentidos que foram se configurando, um se impõe com extraordinária força: o Imperador. O Inca, além de ser o filho do Sol, era visto como o grande Pai, o protetor de seu povo¹⁸; era o Imperador que organizava o caos para transformá-lo em cosmos, era o Imperador que renegava a sua família terrestre para pertencer apenas ao Sol¹⁹. Existiria orgulho maior do que ter o próprio Pai por filho do Sol? Na morte do Pai, o Império das Quatro Partes soluçava “Lloremos todos juntos / Y recogidos. / ¿habría hombre capaz de no llorar / Por aquel que le quiso? / ¿Habría hijo capaz de no ser fiel / A su padre?”²⁰. Um governo capaz de olhar ao Sol como a um igual (“El Inca está mirando al sol, lo mira de igual a igual”)²¹ único, personificado na figura do deus Sol, ele é o nomeado, é ele o descendente dos fundadores de Cuzco a mando do próprio deus *Huiracocha*, é ele aquele que irá “iluminar a los ciegos el camino”²².

Para compreendermos o processo de significação discursivo sobre este povo orgulhoso que circulava pelo império, busquemos Bakhtin (1995, p. 147) o conceito de discurso exterior

¹⁷ Nota minha: Referência a Viracocha-Inca, Inca VIII.

¹⁸ “Mi padre el sol há permitido esta decadencia, pero, no obstante, os ha preservado de la esclavitud, y su providencia quiere, ahora, poner remedio al mal. Por eso me envía, para que me obedezcáis en todo, como a su hijo.” Ver no Anexo F o texto completo.

¹⁹ “El emperador se presentaba como < huérfano y pobre >, lo mismo que Manco Capac, que no tenía padres.” (FAVRE, 1975, p. 59).

²⁰ Ver no Anexo E o texto completo.

²¹ Ver no Anexo B o texto completo.

²² Ver no Anexo D o texto completo.

Toda a essência da apreensão apreciativa da enunciação de outrem, tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso interior. Aquele que apreende a enunciação de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas ao contrário um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o ‘fundo perceptivo’, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. A palavra vai à palavra.

Este sujeito que escuta as palavras desta canção, ditas provavelmente a uma criança, é “um ser cheio de palavras interiores” – por menor que seja a criança, os sons das palavras ditas pelos pais ou familiares já são formadoras deste “fundo perceptivo”, deste arquivo de memória – que já apresenta um discurso interior, mesmo que em formação. Bakhtin (idem) continua: “É no quadro do discurso interior que se efetua a apreensão da enunciação de outrem, sua compreensão e sua apreciação”. Com os dados que esta criança contém, com este arquivo de memória que já está dado, ela irá elaborar (reelaborar) os seus dados já interiores formando uma nova ordem de discurso.

Caylla llapi Punuñqui, “Neste lugar dormirás”; *Chaupi tuta Hámusac*, “À meia-noite Virei”, diz a mãe à criança²³, ‘neste lugar onde tu és um descendente do Sol, neste lugar que é o umbigo do mundo, tu dormirás protegido pelo “Dios que gobierna y provee”²⁴, o deus *Huiracocha*, e à meia-noite (eu, mãe) virei. Uma canção que não fala de lobos maus, ‘bruxas’, ‘cucas’ ou de castigos a receber, mas de tranquilidade, segurança²⁵, conforto, amor, uma manifestação de que quem a cantava estava confiante frente ao presente, e quem a escutava estaria em processo de construção de sentidos dentro da tradição incaica de filhos do Sol, de um povo que tinha aprendido os conhecimentos com o próprio deus, que não precisava temer os perigos, e ter uma noite tranquila; os outros é que deveriam temer²⁶, não os incas; *Huiracocha* estava com eles e suas preces eram atendidas “Dios siempre presente, Juez que en todo está”²⁷. Ao compreender este discurso exterior, a criança estaria compreendendo toda a tradição em que estava inserida; uma canção de ninar estabelecendo e instituindo um lugar de sentidos, organizando sentidos, e construindo uma memória do dizer para o povo inca,

²³ Usei a expressão ‘mãe’ por ser a mais usual ao tratar-se da relação mãe/filho, mas pode-se entender também um adulto/filho, ou responsável/criança, alguém mais velho que tenha como função zelar pela criança.

²⁴ Ver no Anexo G o texto completo.

²⁵ Essa ‘segurança’ pode ser entendida também como ‘política-econômica-social’, como sendo de um povo que vivia em ‘paz’, como demonstram os relatos espanhóis. Dom Mancio Serra de Leguizamo, integrante do exército de Pizarro, escreve em 1589 – Cuzco: “Que hallamos estos reinos de tal manera que en todos ellos no había un ladrón, un hombre vicioso, ni holgazán, ni había mujer adúltera ni mala... Que las tierra y montes y minas y pastos y caza y maderas y todo género de aprovechamientos estaban gobernados o repartidos de suerte que cada uno conocía y tenía su hacienda, sin que outro ninguno se la ocupase ni tomase ...” (GALEANO, 1988, p. 184).

²⁶ Exemplo do orgulho e da superioridade dos exércitos do Império estão expressos nesta **Canción de guerra de los incas**: “Beberemos en el cráneo del traidor/ y con sus dientes haremos un collar./ De sus huesos haremos flautas,/ de su piel haremos un tambor./ Entonces, bailaremos. (GALEANO, 1988, p. 125).

²⁷ Ver no Anexo G o texto completo.

unificando esta memória entre todas as memórias que circulavam pelo Império por entre os povos conquistados.

Podemos analisar tal canção trabalhando a questão da identificação existente entre os incas, identificação em termos de relações pessoais, sejam elas de parentesco ou de trabalho. Podemos interpretar a canção de ninar como um instrumento utilizado pelos pais para introduzir aos filhos a essa tradição. Havendo filiação a esses sentidos, e estabelecendo-se a troca de sentidos entre os locutores, haverá uma predominância da memória do dizer inca. Poderíamos exemplificar esta identificação (ou filiação) com algumas passagens como ‘(nós) os filhos do Sol’, ‘(nosso) deus Huiracocha’, ‘(nós) os incas civilizadores’ e ‘(eles) os povos bárbaros’, ‘o (nosso) Império’, entre outras, em que os pronomes, aqui acrescentados, nos aproximam da construção de uma identidade. Quando uma mãe canta *Caylla llapi Punuñqui Chaupi tuta Hámusac*, ela está representando nessas frases toda essa identificação na qual ela se insere, na qual ela se encontra filiada e que, agora, apresenta à criança.

Esse arquivo de ensinamentos que será mostrado à criança (podendo haver ou não filiação), nos primeiros anos de sua vida, faz parte do arquivo de memória com o qual esta criança vai se movimentar pelo mundo. Fará parte de sua história, de sua relação social, de sua relação familiar. Enunciados como ‘filhos do Sol’, ‘umbigo do mundo’, ‘Império das Quatro Partes’, um elenco de valores, de gestos, de acontecimentos que estruturaram o que Orlandi (1993, p. 12) define como “discursos fundadores, aqueles que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente e que nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de mundo conhecido”. Esta criança repetirá estes enunciados, reconhecerá o nascimento do Sol como um ato de vontade e bondade de seu deus, honrará *Huiracocha* por ter-lhe ensinado a viver em paz, pois está segura de que este mundo onde vive foi abençoado, ela está segura “Neste” mundo onde vive. E o modo como ela vai viver “Neste” mundo se alimenta, e é alimentado, por todas as manifestações culturais que a cercam.

O efeito de sentidos que partirá de duas simples frases, nesta troca entre mãe/adulto e criança, ajudará na formação e na filiação de novos sentidos por parte da criança. Ela reconhecerá a segurança e a tranquilidade que transmite essa canção de ninar, ela se reconhecerá como segura “Neste lugar” onde vai dormir, sabendo que “À meia-noite” sua mãe virá, ela não ficará sozinha, pois pertence a esse lugar e jamais será abandonada.

Pensamos a educação como um efeito de filiação que deve ser renovado constantemente – plantado, cuidado, criado –, o educar como um efeito de filiação e a melhor maneira de propor, de estabelecer, de concretizar esse efeito de filiação seria proposto como

sendo um ato pedagógico. Ao filiar-se a esses discursos representados pela canção de ninar, onde tantas vozes se fazem escutar, a criança estaria também se colocando à mercê dos saberes já instituídos e circulantes pelo Império. De um ato pedagógico, esta relação que se estabelece entre mãe e filho, com uma canção que colocava em seus versos a grandiosidade de todo um povo, passamos a uma prática pedagógica e educativa; as crianças eram introduzidas e apresentadas a este discurso, se filiadas a ele, repetiriam os benefícios aos quais estavam a mercê por pertencerem também ao Império.

Não temos o ‘como’ esta prática pedagógica se mostrou, mas, tentando nos aproximar dos sentidos que circulavam no Império, podemos ter uma ideia, não apenas de uma mãe embalando uma criança ao redor do fogo, mas uma ideia de mãe que depositava sua segurança nas mãos de *Huiracocha* e de seu representante na Terra, o Inca, uma mãe à espreita do porvir com a segurança de que o dever estava cumprido.

“Neste lugar Dormirás, À meia-noite Virei”, versos de uma canção de ninar onde estão representadas as vozes e a presença de tantos outros, capaz de remeter à época da fundação de Cuzco. A mãe, ao cantar essa canção de ninar, repetia o que fora anteriormente cantado para ela, repetia os mesmo gestos nos quais nascera. Talvez, por gerações, tenha sucedido assim. O outro se fazia sentir por gerações. Não era apenas ela que cantava, particularmente e isolada, ao filho; soavam juntamente as vozes de tantos outros incas. Nem Manco Capac, o Adão mítico, teve uma voz única e singular; nasceu sob as vozes dos deuses e com o mando de fazer circular essas vozes aos outros. Não são vozes neutras, não são palavras transparentes, não é uma canção órfã; ela pertence a um lugar, fala-nos de um lugar. Palavras-máscaras que habitam a imaginação das pessoas, que as fazem significar, que nasceram aprisionadas aos sentidos já estabelecidos por uma existência histórica, mas que se apresentam com nova roupagem a cada momento de dada existência.

3 CONCLUSÃO

Chamamos de **A Segurança** o título deste artigo com a intenção de lembrar-nos que a educação passa por esta sensação de sentir-se ‘seguro’. Seria como um acordo preestabelecido entre os locutores, sejam eles uma mãe e uma criança ou um professor e um aluno, como uma pré-condição para que se estabeleça um princípio que permita haver um “efeito de sentidos” (PÊCHEUX, 1993, p. 82). Sem isso a educação não se estabelece. E a segurança passa assim a ser um importante aliado pedagógico. Com ela, asseguramos que haja um discurso. Temos a ‘segurança’ de que o discurso que proferimos é o ‘verdadeiro’, o ‘correto’, de que, de certo

modo, ‘repetimos as palavras dos deuses’ (sejam eles habitantes do paraíso celestial ou da ciência pragmática), repetimos as vozes a tanto soadas ou as vozes comprovadamente autorizadas a falar. Uma constituição de vozes que aprendemos a repetir e a mencioná-las como sendo aquelas que estão certas – não se questiona(m) mais as vozes. Somos constituídos por vozes, nos filiamos a estas vozes pertencentes a esta rede de memória a qual nos assujeitamos – a qual pertencemos muitas vezes sem saber por que pertencemos.

Mesmo que esta ‘segurança’ seja um discurso ilusório, necessitamos desta ilusão para nos constituirmos como sujeitos, filiados aos discursos pertencentes a nossa rede de memória. Nos sentimos ‘seguros’ ao saber que nosso pai, o ‘Sol’, nos proporcionou os melhores governantes, os soldados mais destemidos, o cultivo dos cereais, as comunidades para nossas famílias, e as mães que embalam seus filhos ao som de uma cantiga que nos fala desta nossa terra, que é o umbigo do mundo, a melhor de todas, onde estamos protegidos de toda aflição. Uma prática discursiva pedagógica e educativa que perdurou por 400 anos, até o dia em que este discurso foi posto a prova por outro discurso, no qual se escutava a voz de outro ‘Pai’, também criador do universo, de outro ‘Filho’ que, também, renegou à sua família terrena para pertencer apenas ao ‘Pai’ de todos os céus, e daqueles que, também, investiram uma cruzada sagrada levando a civilização e as palavras deste novo ‘Pai Nosso’ a todas as quatro direções do mundo.

“Lloremos todos juntos / Y recogidos...”²⁸, nos diz o poema inca, ao perceberem o Império ruir, ao perceberem o discurso que a tanto defendiam ser calado e abafado, ao perceberem a fragilidade com que é produzido um discurso e da sua dependência em ser renovado constantemente para constituir-se como uma prática.

THE SAFETY:

the founding speech and the pedagogical senses in a lullaby

ABSTRACT²⁹

The present paper proposes to analyze a lullaby originated from the Inca Empire to understand the senses that helped to constitute the founding discourse about the identity of the Inca people, as well as discursive pedagogical practices represented there. As theoretical

²⁸ Ver no Anexo E o texto completo.

²⁹ Transcrição realizada pela professora Catichilene Gomes de Sousa (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**) e revisão pela aluna Gisely Noeli Vanderlinde, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada no Ensino de Língua Materna e Língua Inglesa.

interlocution, we sought to authors of Discourse Analysis, Michel Pecheux and Eni Orlandi, and as historical support, Henri Favre, Victor Von Hagen, Eduardo Galeano and Jorge Eduardo Paniagua L.

Keywords: Discourse Analysis. Speech Founder. Pedagogical Practices. Lullaby. Michel Pêcheux.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (V.N.Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. M. Lahud & Y. Frateschi Vieira. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 1995. 196p. (Linguagem e Cultura 3)

BOND, Rosana. **A civilização inca.** 2.ed. São Paulo: Ática, 1994. 40p. (O Cotidiano da História)

FAVRE, Henri. **Los incas.** Trad. Jordi Jacas. Barcelona: oikos-tau, 1974. 127p. (¿qué sé? 108)

GALEANO, Eduardo. **Memoria del fuego:** los nacimientos. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 1988. v.1. 344p.

JAGUARIBE, Domingos. **O imperio dos incas:** no Perú e no Mexico. 3.ed. São Paulo: O Pensamento, 1938. 302 p. il.

MARKHAM, Clements. R. **Los incas del Peru.** Trad. Manuel Beltroy. Lima, 1920. 293p. il.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: _____ (Org.) **Discurso fundador:** a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993. p.11-25.

_____. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto.** Brasília, ano 14, n. 61, p.53-9, jan./mar. 1994.

PANIAGUA L. Jorge Eduardo (Org.) **Antología poesía indígena precolombina.** Urabá: Biblioteca Politécnico Colombiano, 1983. 131p. (Colección Literaria Poliforo de Oriente 10)

PÊCHEUX, Michel. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Trad. Eni P. Orlandi, Campinas: Pontes, 1990. 68p. Primeira versão do original em inglês: 1988.

_____. Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET, F. & HAK, Tony (Orgs.) **Por uma análise automática do discurso** – uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trads. Bethania S. Mariani [et. al.] 2.ed. Campinas: Unicamp, 1993. p.61-161. (Coleção repertórios)

VON HAGEN, Victor W. **Los incas:** pueblo del sol. Trad. Carlos Villegas. México: Joaquin Mortiz, 1972. 127p.il. (Culturas Básicas del Mundo). Primeira edição em espanhol: 1964.

ANEXOS

ANEXO A: DINASTIA INCA (c. 1200 – 1572)

Senhores de Cuzco:

MANCO CAPAC – Filho do Sol, fundador mítico da dinastia.

SINCHI ROCA – Filho de Manco Capac.

LLOQUE YUPANQUI – Filho de Sinchi Roca.

MAYTA CAPAC – Filho de Lloque Yupanqui. Criança prodígio que lembra o Hércules da mitologia grega. Conquistou o reino dos *collas*, na Bolívia, e outras províncias dos índios aimarás.

CAPAC YUPANQUI – Filho de Mayta Capac. Cobra tributos das tribos que viviam ao redor do vale de Cuzco. Conquistou a tribo dos chancas, no vale central do Peru, e a região da atual Bolívia até Cochabamba

INCA ROCA – Filho Capac Yupanqui. Organizou escola para os meninos nobres e o primeiro a usar INCA como título de nobreza. Decretou o *quéchua* a língua oficial.

YAHUAR HUACAC – Filho de Inca Roca. Estabeleceu alianças entre as tribos através de casamentos.

VIRACOCCHA – Filho de Yahuar Huacac. Usa o nome do deus Criador, e funda a Capital, Cuzco. Conquistou o norte da atual Argentina. Viracocha (Huiracocha) é o deus incaico que tem similares com os deuses dos povos vizinhos; passa a ser o deus mais importante por assimilar as diversas populações das províncias de Cuzco. Quando os povos conquistados questionam os Sada Inca, Filho do Sol, denominação que recebia o Imperador, a introdução de um novo deus aglutinador passa a ser essencial para a unificação religiosa entre as tribos subordinadas.

Imperadores de *Tahuantinsuyu*, As Quatro Partes do Mundo.

PACHACUTI – Filho de Viracocha. Fundador do Império. 1438 – 1471. Começa a conquista territorial para fora de Cuzco, anexa definitivamente a região do Lago Titicaca.

TUPA INCA – Filho de Pachacuti. 1471 – 1493. Estende o território até o atual Equador.

HUAYNA CAPAC – Filho de Tupa Inca. 1493 – 1527. Estende o território para o leste, até a Floresta Amazônica.

HUASCAR – Filho de Huayna Capac. Inicia uma disputa pela sucessão. Executado por Atahualpa. 1527 – 1532.

ATAHUALLPA – Filho de Huayna Capac. Capturado e executado por Francisco Pizarro. 1532 – 1533.

Incas após a Conquista Espanhola.

TUPA HUALLPA – Filho de Huayna Capac. 1533 – 1533.

MANCO INCA – Filho de Huayna Capac. 1533 – 1545.

PAULLU INCA – Filho de Huayna Capac. 1537 – 1549.

CARLOS INCA – Filho de Paullu Inca. Casou com uma Senhora espanhola. 1549 – 1572.

SAYRI TUPA INCA – Primeiro filho de Manco Inca. 1545 – 1558.

TITU CUSI – Segundo filho de Manco Inca. 1558 – 1571.

TUPA AMARU – Terceiro filho de Manco Inca. 1571 – 1572.

NOTA:

- Quadro elaborado a partir de notas de aula na Faculdade de História (História Pré-Colombiana) e BOND (1994). Pode ocorrer mudança na forma grafada dos nomes dos imperadores assim como diferença entre as datas apresentadas aqui.

ANEXO B: Cuzco, 1523 - HUAINA CÁPAC

Ante el sol que asoma, se echa en tierra y humilla la frente. Recoge con las manos los primeros rayos y se los lleva a la boca y bebe la luz.

Después, se alza y queda de pie. Mira fijo al sol, sin parpadear.

A espaldas de Huaina Cápac, sus muchas mujeres aguardan con la cabeza gacha. Esperan también, en silencio, los muchos príncipes. El Inca está mirando al sol, lo mira de igual a igual, y un murmullo de escándalo crece entre los sacerdotes.

Han pasado muchos años desde el día en que Huaina Cápac, hijo del padre resplandeciente, subió al trono con el título de poderoso y joven jefe rico en virtudes. Él há extendido el imperio mucho más allá de las

fronteras de sus antepasados. Ganoso de poder, descubridor, conquistador, Huaina Cápac há conducido sus ejércitos desde la selva amazónica hasta las alturas de Quito y desde el Chaco hasta las costas de Chile. A golpes de hacha y vuelo de flechas, se ha hecho dueño de nuevas montañas y llanuras y arenas. No hay quien no sueñe con él ni existe quien no lo tema en este reino que es, ahora, más grande que Europa. De Huaina Cápac dependen los pastos, el agua y las personas. Por su voluntad se han movido la cordillera y los gentíos. En este imperio que no conoce la rueda, él ha mandado construir edificios, en Quito, con piedras del Cuzco, *para que en el futuro se entienda su grandeza y su palabra sea creída por los hombres.*

El Inca está mirando fijo al sol. No por desafío, como temen los sacerdotes, sino por piedad. Huaina Cápac siente lástima del sol, porque siendo el sol su padre y el padre de todos los incas desde lo antiguo de las edades, no tiene derecho a la fatiga ni al aburrimiento. El sol jamás descansa ni juega ni olvida. No puede faltar a la cita de cada día y a través del cielo recorre, hoy, el camino de ayer y de mañana.

Mientras contempla el sol, Huaina Cápac decide: << Pronto moriré. >>

NOTA:

- Lenda encontrada em Galeano (1988, p. 87-88).

ANEXO C: SOBRE OS AMAUTAS

Sarmiento nos revela, con la alta autoridad de su testimonio, el procedimiento que empleaban. En el interrogatorio a que sometió en 1571 a treinta y dos miembros de la familia incaica, versó su primera pregunta sobre el modo como conservaban los Incas el recuerdo de los hechos históricos. Respondieron los declarantes que los descendientes de cada soberano constituían un ayllu o familia, con el fin de perpetuar la memoria de los sucesos del reinado de su antecesor, cosa que realizaban transmitiendo a su sucesores las historias en forma de narraciones y cantos, que los Amautas de cada ayllu, especialmente educados para el efecto, aprendían de memoria y transmitían, a su vez, de generación en generación. Refrescaban sus recuerdos con los quipos y también con pinturas hechas sobre tablas. [...] el manuscrito recientemente descubierta de Huaman Poma de Ayala se ven portadas que casi infunden la certeza de que en tiempos anteriores existieron retratos de los Incas y de sus consortes [...].

NOTAS:

- Texto encontrado em Markham (1920, p. 122).

- Huaman Poma de Ayala: También se encontra como Guamán Poma de Ayala. Escreveu a história do Império Inca como se fora uma carta ao rei espanhol (três reis se passaram enquanto escrevia a carta) Felipe II. O manuscrito esteve perdido por três séculos. Cf. Galeano (1988, p. 211-212).

- ayllu: clã, família com antepassados comuns, fossem ele reais ou fictícios; um povoado com parentesco em comum.

ANEXO D: LA CIUDAD SAGRADA

Wiracocha, que había ahuyentado las tinieblas, ordenó al sol que enviara una hija y un hijo a la tierra, para iluminar a los ciegos el camino.

Los hijos del sol llegaron a las orillas del lago Titicaca y emprendieron viaje por las quebradas de la cordillera. Traían un bastón. En el lugar donde se hundiera al primer golpe, fundarían el nuevo reino. Desde el trono, actuarían como su padre, que da la luz, la claridad y el calor, derrama lluvia y rocío, empuja las cosechas, multiplica las manadas y no deja pasar día sin visitar el mundo.

Por todas partes intentaron clavar el bastón de oro. La tierra lo rebotaba y ellos seguían buscando.

Escalaron cumbres y atravesaron corrientes y mesetas. Todo lo que sus pies tocaban, se iba transformando: hacían fecundas las tierras áridas, secaban los pantanos y devolvían los ríos a sus cauces. Al alba, los escoltaban las ocas, y los cóndores al atardecer.

Por fin, junto al monte Wanakauri, los hijos del sol hundieron el bastón. Cuando la tierra lo tragó, un arcoiris se alzó en el cielo.

Entonces el primero de los incas dijo a su hermana y mujer:

Convoquemos a la gente.

Entre la cordillera y la puna, estaba el valle cubierto de matorrales. Nadie tenía casa. Las gentes vivían en agujeros y al abrigo de las rocas, comiendo raíces, y no sabían tejer el algodón ni la lana para defenderse del frío.

Todos los siguieron. Todos les creyeron. Por los fulgores de las palabras y los ojos, todos supieron que los hijos del sol no estaban mintiendo, y los acompañaron hacia el lugar donde los esperaba, todavía no nacida, la gran ciudad del Cuzco.

NOTA:

- Lenda encontrada em Galeano, 1988: 45-6.

- “Wiracocha” é outra maneira de se encontrar grafado o nome de “Viracocha” ou “Huiracocha”.

ANEXO E: AL GRAN INCA ATAWALLPA

¿Qué iris nefando es este negro
Iris que se alza?
Horrenda flecha el enemigo
Del Cuzco blande.
¡Granizada siniestra por doquiera
Se desparrama!

A menudo mi corazón
Entreveía
En mi vigilia y en mi sueño
Y en mi letargo
Al abejerro maléfico
Y maldito.

El Sol se vuelve macilento y se ennegrece
Misteriosamente
Amortajando a Atawallpa
Con su esencia divina
Y llorando esta muerte sucedida
En un instante.

Los enegimos repugnantes arrojaron
Ya su cabeza
Y ya un río de sangre va inundando
La encrucijada.

Sus dientes crujidores ya han mordido
El páramo de la tristeza
Y sus ojos de Sol se han vuelto
De plomo.

El corazón enorme de Atawallpa
Ya se ha enfriado.
Todo el Tawantinsuyu está ahora
Sollozando.

Hasta la tierra se há cubierto
De densa niebla.
La Madre Luna, en su angustia parece enferma
De ictericia.
Van encogiéndose seres y cosas
De pesadumbre.

Niega la tierra su regazo
A su señor,
Cual si se avergonzara del cadáver
De su amante,
Cual si temiera devorar
A su adalid.

Por su señor hasta las peñas se estremecen
Y se derruban.
Hasta el río grita vencido
Por el dolor.

Con lamentos de viudas
Desoladas
Le han rodeado las infantas
Enlutadas.

El Sumo Sacerdote viste ya el manto sagrado
Para el sacrificio
Han desfilado ya todos los hombres
Hasta su tumba.

La reina se extravía bajo el peso
De mortal dolor.
Ríos y ríos de lágrimas corren
Sobre el cadáver amarillo.

Está yerto su rostro,
Yerta su boca.
¿Dónde te alejas hasta que mis ojos
Te pierdan,
Dejando este reino sumido
En duelo,
Separándote para siempre
De mi corazón?

¡No obstante el aposento lleno de oro y
plata,

El enemigo blanco,
Envanecido por el triunfo mezquino su
Corazón:
Airado páramo siempre sediento
De codicia,
No obstante todo cuanto le obsequiaste
El enemigo blanco te ahorcó!

Sólo tú su malsana voluntad
Colmaste;
Pero tu vida en Cajamarca
Se extinguió.

Está cuajada ya en tus venas
Tu sangre
Y bajo tus párpados ya se ha marchitado
Tu vista.
En el brillo de alguna estrella esetá escondida
Tu mirada.

Tan sólo tu paloma sufre y gime
Y deambula.
Perdida en el dolor solloza la que tuvo
Nido en tu corazón.

Con el tormento del desantre
Se quiebra el pecho.

Te han robado tus andas de oro
Y tu palacio

Lloremos todos juntos
Y recogidos.
¿habría hombre capaz de no llorar
Por aquel que le quiso?
¿Habría hijo capaz de no ser fiel
A su padre?

Gimiente corazón, acribillado
Y sin fortuna,
¿Qué paloma no ha de pertenecer
A su compañero,
Y qué taruca melliza extraviada
A su corazón?

Lágrimas de sangre arrancadas
De la ventura ida,
En vuestro espejo retratad
Su cadáver
Y bañad con vuestra ternura
El regazo
De aquel que nos regalaba con el poder
De sus múltiples manos,
Y bajo el ramaje de su corazón
Nos daba albergue,
Y con la sombra de su pecho
Nos abrigaba.

Y todos los tesoros que han hallado
Se han repartido.

A martirio perpetuo condenados
Y destruidos,
Cavilantes y con el pensamiento fugitivo,
Lejos de nuestro mundo,
Viéndonos sin refugio y sin auxilio
Estamos llorando,
Y sin saber a quién volver los ojos
Nos estamos perdiendo.

¿Permitirá tu corazón,
Rey soberano,
Que vivamos dispersos
Y errantes,
A extraño poderío sometidos
Y pisoteados?

Descúbrenos tus ojos que herir saben
Como flecha magnánima,
Estiéndonos tu mano que concede
Más de lo que uno pide
Y, conformados con esa ventura,
Dinos que nos vayamos.

NOTAS:

- Elegía encontrada em Paniagua L. (1983, p. 127-131).

- Nota original a seguir: (idem)

Elegía compuesta a la muerte del inca Atawallpa. El poema está elaborado en versos eneasílabos que alternan con tetrasílabos, sin rima sometida a un canon. Tomado de Poesía Folklórica Quechua de J.M.B. Farfán.

ANEXO F: DISCURSO DE INCA ROCA QUANDO DA SUA POSSE COMO IMPERADOR

Nadie dudará hermanos míos, del acendrado amor que nuestro padre el Sol nos profesa. Si debilitó el poder de la nación hasta el punto de que ésta se disgregó, cuidó al propio tiempo de remediar esta situación. Los vicios y el ocio habían minado su grandeza y reduciéndolo casi a una partícula imperceptible. Nuestra política se trocó en un sistema de gobierno en que cada cual hacía su capricho y en que todos nos contentábamos con recordar que en otros tiempos habíamos sido gobernados. El tributo que las provincias deben pagar es reemplazado por el menosprecio al Estado, y hasta vosotros, en vez de conducirnos como hombres, obráis como animales y habéis caído en tal degradación que ni recordáis ya para qué sirven la honda o la flecha.

Mi padre el sol há permitido esta decadencia, pero, no obstante, os ha preservado de la esclavitud, y su providencia quiere, ahora, poner remedio al mal. Por eso me envía, para que me obedezcáis en todo, como a su hijo. Mi primer decreto es que os dediquéis a los ejercicios guerreros, y así debéis hacerlo porque sólo la disciplina y la destreza militar pudieron hacer a nuestros antepasados amos del Mundo, según nos refieren los quipocamayos. Así ocupados, desaparecerá la holganza, retornará la obediencia, recobraréis lo perdido y reconquistaréis finalmente la pasada gloria. Para esta empresa contad con la ayuda de mi padre, el Sol. En lo sucesivo, ni sus rayos secarán la tierra, ni la luna escatimará sus lluvias, plagas éstas que han azotado a nuestro país en diversas épocas. Mis leyes serán las de los antiguos monarcas, pues no intentaré nada. El carácter venturoso de mis promesas consiste en que proceden de mi padre el Sol y, por ende, son infalibles. Si lo desobedecéis, os castigará con el trueno que os sobrecogerá, con las tempestades que asolarán vuestras tierras, con la lluvia que talará vuestras cosechas y el rayo que os matará.

NOTAS:

- Discurso encontrado em Markham (1920, p. 55-56).

- quipocamayos = funcionários especializados nos *quipus*, cordas com vários nós e cores onde se marcava os tributos, o censo, a história cronológica do Império.

ANEXO G: EL JAILLI - ORACION PRIMERA AL HACEDOR

Causa del ser, Viracocha,
Dios siempre presente,
Juez que en todo está,
Dios que gobierna y provee,
Que crea con sólo decir:
“Sea hombre, sea mujer”,
Que viva libre y en paz
El ser que pusiste
Y criaste.
¿Dónde estás? ¿Afuera,
O adentro, en la nube
O en la sombra?

Oyeme, contéstame,
Haz que viva muchos días,
Hasta la edad en que deba
Encanecer.
Entonces, levántame,
Tómame en tus brazos
Y si me canso, auxiliame
Doquiera estés, Padre Viracocha.

NOTAS:

- Oração encontrada em Paniagua L. (1983, p. 99).

- Notas originais a seguir: (idem)

- 1 *El Jailli*, género lírico *Quechua precolombiano*. Himno sagrado encaminado a rendir homenaje a los dioses. Abarca también otros campos como el heroico y el agrícola.
- 2 Himno transcrito en la relación de las fábulas y ritos de los Incas en el tiempo de su infidelidad de Cristóbal de Molina, 1575.
- 3 *Viracocha*. Dios mantenedor de las otras deidades y creador de los hombres.